

# HELENA E SINÃO, OS TRAIADORES DE TRÓIA

ANTÔNIO MARTINEZ DE REZENDE

“Quis cladem illius noctis, quis funera fando  
Explicet, aut possit lacrimis aequare labores?  
Urbs antiqua ruit, multos dominata per annos;

(VIRGÍLIO, En. II, 361 — 363).

Poucas nações do mundo foram, da mesma sorte que Roma, celebradas em obras imortais como a Eneida de Virgílio. Essa epopéia nacional traduz em canto vigoroso a grandeza do império.<sup>1</sup>

A Eneida não recebeu de seu autor, após onze anos de trabalho, as últimas correções. Mas não é, apesar disso, uma obra inacabada. O poeta Virgílio, nesses doze cantos, num total de 9.882 versos, eleva sua pátria ao mais alto grau de estima, retratando-lhe com genialidade as origens. Ele utiliza de todos os recursos possíveis na composição de sua epopéia: os

---

1. A Eneida, começada em 29 a.C., tinha como objetivo cantar a grandeza e o poder de Roma, além de ressaltar a figura do imperador Augusto, que, segundo a tradição, descendia de Enéias.

documentos dos arquivos imperiais, as lendas populares, a religião e os costumes de seu povo e, além disso, a criação poética.<sup>2</sup>

Virgílio trabalha, sobretudo, com as lendas que dizem respeito às origens do império Romano. Segundo elas, da união de dois povos, o troiano e o latino, nasceu a *gens romana*.

O herói do poema é Enéias, o varão piedoso no verdadeiro sentido romano de perfeição de caráter. Ele é quem trará para a Itália o sangue troiano. Está predestinado pelos deuses a fecundar uma raça de homens valorosos e imperecíveis no tempo.

Os doze cantos do poema narram a acidentada viagem de Enéias, desde sua partida de Tróia até a chegada e estabelecimento na Itália. Poderíamos sintetizar os fatos narrados assim: Enéias parte em direção à Itália. No mar uma terrível tempestade excitada por Juno, inimiga dos troianos, lança-o nas praias do reino de Dido. Vênus desperta na rainha ardente paixão pelo herói. Durante um banquete oferecido a Enéias, Dido pede-lhe que narre a queda de Tróia e sua fuga (canto I). Consternados todos ouvem dele os fatos como aconteceram (c. II). Prossegue a narração da viagem pelo mar: o herói fala de seu encontro com Andrô-

---

2. Virgílio conquistara a amizade de Augusto e graças a essa amizade pôde chegar aos documentos oficiais. O poeta era profundo conhecedor das lendas populares e, sobretudo, das ciências religiosas. Dizem os seus biógrafos que ele sabia de cor os grandes poemas de Homero.

maca e da morte de seu pai Anquises (c. III). Por força das divindades, Enéias e Dido apaixonada se unem. Mercúrio é enviado a Enéias para lembrar-lhe seu destino. Ele abandona a rainha que se suicida ao vê-lo partir (c. IV). Ao passar pela Sicília celebra, com jogos fúnebres, o primeiro aniversário da morte de Anquises (c. V). Já nos litorais da Itália, a Sibila fornece-lhe meios necessários para descer vivo ao reino dos mortos, os infernos, de onde seu pai lhe mostra as grandezas que estão reservadas à sua descendência e lhe dá conselhos (c. VI). No Lácio é-lhe prometida a mão da filha de Latino, o rei do país, com quem Enéias celebra acordos. Outro pretendente à mão de Lavínia, Turno, incitado por Juno, promove guerra sangrenta contra Enéias (c. VII). O rei Evandro também faz aliança com Enéias. Vênus dá a seu filho, Enéias, um escudo que o tornará imbatível (c. VIII). Presididos por Júpiter, os deuses se reúnem em assembléia para deliberar sobre os destinos dos troianos. Vênus e Juno se defrontam em violento debate. Enéias consegue reforços na Etrúria. Turno é salvo da morte por sua protetora, Juno. Morte de Palante, filho de Evandro (c. X). Sepultamento dos mortos e combate contra Camila, rainha guerreira dos volscos, aliada de Turno (c. XI). Confronto de Enéias e Turno. Vencedor, Enéias reina sobre os povos troianos, tendo desposado Lavínia. Começa a história romana (c. XII).

A Eneida de Virgílio em toda a sua grandeza e profundidade oferece ao estudioso e ao leitor inumeráveis pontos de reflexão e análise.

O objeto de nosso estudo é o segundo canto, onde o poeta, pela fala de Enéias a Dido, narra os últimos momentos da guerra de Tróia: a traição, a queda e a pilhagem pelos soldados gregos.

A análise de uma obra literária exige o conhecimento do contexto social e histórico, de onde ela surgiu, e do mundo por ela desenvolvido. A muitos fatos narrados por Homero, que também serviu de fonte para Virgílio, a arqueologia confere veracidade.

O arqueólogo alemão Schliemann, acreditando nas informações de Homero, descobriu, em meados do século passado, as ruínas de Tróia. No mesmo local encontrou uma sucessão de oito cidades soterradas. A cidade de Príamo de que tratam os poemas homéricos é a de número VIIa. O ano de destruição da Tróia VIIa fica entre 1230 e 1125 a.C. É, pois, nesse período que os historiadores e arqueólogos, baseados em estudiosos americanos, situam a derrota dos troianos pelos chefes gregos.

Há autores que propõem outras datas para o fim do conflito. Uns preferem aceitar o ano de 1183, conforme o foi estabelecido por Eratóstenes, outros seguem a opinião do historiador, também grego, Heródoto, que afirma ter acontecido no ano de 1280 a.C. Já o historiador J. Berard, em suas considerações, esta-

belece como data da tomada de Tróia o ano de 1380 a.C.<sup>3</sup>

Como vimos, muitas datas são propostas para a queda de Tróia, mas há unanimidade em afirmar-se que a cidade representava um grande perigo para a Grécia, pois sob o reinado de Príamo ela enriquecia e tornava-se poderosa. Por outro lado, a sua riqueza despertava a ambição dos gregos. Foi para apoderarem-se dos tesouros da cidade de Príamo que os gregos armaram um exército de cem mil homens e equiparam uma esquadra de um mil, cento e oitenta e seis navios de guerra. Os gregos não se interessavam em fazer dela uma de suas colônias, mas em vê-la destruída e saqueada.<sup>4</sup>

Mas Homero, na *Iliada* e *Odisséia*, dá por motivos da guerra o rapto de Helena, esposa do general grego Menelau, por Páris, filho de Príamo. Sabemos que as narrativas de Homero são baseadas nas lendas transmitidas oralmente,

---

3. Segundo dados colhidos em *A Aventura Grega*, de PIERRE LÉVEQUE, houve por volta de 1275 um terremoto que destruiu por completo a Tróia VI. Esta data aproxima-se daquela proposta por Heródoto, o que pode ter levado muitos estudiosos a aceitarem a sua proposição. Por outro lado, a hipótese de que teria acontecido em 1186 é refutada pelo fato de que, nesse tempo, a unidade do povo aqueu tinha-se enfraquecido por causa das invasões dóricas. O povo aqueu dividido não poderia formar tão numeroso exército.

4. Os arqueólogos ainda não encontraram nada que possa dar indícios de que os gregos tivessem permanecido lá, depois da vitória. Tudo leva a crer que desejavam apenas tirar-lhe o poder e a riqueza.

de geração a geração, e que grande parte dessas lendas foi criada tendo por base um fato verdadeiramente acontecido.

O argumento apresentado pelo poeta pode ser visto, ou como um fato em que ele o acreditava real, ou simples motivo para disfarçar as verdadeiras intenções dos gregos pela Tróia. Podemos esclarecer melhor: Helena fora raptada e isso exigia vingança; o rapto de Helena foi um simples pretexto para apoderarem-se dos tesouros da cidade.

O poeta Virgílio baseia-se em Homero quando apresenta estes fatos. Assim, em nossa análise, partiremos dos argumentos apresentados pelos poetas, procurando analisá-los dentro do contexto da narrativa poética.

Os gregos, depois de 10 anos de incessantes combates em volta das muralhas de Pérgamo, já perdiam as esperanças de vê-la derrubada. E então que, instruídos pela deusa Atena, fabricam o cavalo de madeira.<sup>5</sup> Essa "máquina fatal" é deixada como presente junto às muralhas de Tróia, após terem os helenos simulado uma fuga. Cabia a Helena e a Sinão induzir os troianos a quebrar as muralhas e introduzi-lo na cidade.

---

5. Nos poemas de Homero os troianos são frequentemente chamados por "domadores de cavalos". Talvez daí tenha surgido a idéia de que um cavalo de madeira seria ótima armadilha nas mãos dos helenos. Segundo a mitologia, Atena, a deusa da sabedoria e das artes, foi quem ordenou a construção do simulacro.

Helena estava predestinada a ser infiel a seu marido e causar muitas desgraças.<sup>6</sup> Era mulher de inigualável beleza. Casara-se com Menelau, um dos mais valorosos generais gregos.

O destino imposto pela deusa Vênus começou a cumprir-se quando Helena recebeu em seu palácio o troiano Páris, filho de Príamo, que vinha em missão especial a Esparta.<sup>7</sup> Fascinada pela beleza do hóspede de seu marido, apaixonou-se por ele e juntos fogem para Tróia. Aí conquista a simpatia e confiança dos troianos. Após a morte de Páris casa-se com Deífobo, também irmão de Páris.

Helena, cansada de viver em Tróia, chorava arrependida por ter abandonado a pátria e o marido, pois descobrira que Afrodite a cegara de amor para que seus fados se cumprissem. Julgava que traíndo os troianos e entregando a cidade aos gregos voltaria a merecer a confiança de Menelau e de toda a sua gente.

Assim que notou deixado perto das muralhas o cavalo de madeira, percebeu o ardid dos gregos.<sup>8</sup> Para ajudá-los e levar a efeito

---

6. O pai de Helena, Tíndaro, ao oferecer um sacrifício aos deuses esquecera-se de Vênus. A deusa irada lançou sobre a sua filha a terrível maldição.

7. Hécuba, enquanto gerava Páris, sonhou que tinha dado à luz uma chama que devorou a imensa Tróia. Este era um sinal de que aquele filho seria a causa da destruição de sua pátria. Os pais tentaram eliminá-lo, mas os seus destinos já haviam sido traçados.

8. Helena já sabia dos planos dos gregos. Ulisses disfarçado de mendigo conseguira entrar na cidade inimiga. Aí, tendo encontrado Helena, confia a ela os seus planos. (*Odisséia*, c. IV, 240-264).

seus próprios planos “simulando danças (a Baco) trazia à volta do cavalo as mulheres frígias que celebravam orgias; ela mesma no meio segurava uma grande chama e chamava os gregos do alto da cidadela” (En. VI, 517-519).

No entender dos troianos aquele era um momento de festa. Helena de deslumbrante beleza, semelhante a uma deusa, dançava ao redor da “máquina oca” fingindo celebrar a falsa vitória de Tróia. Nenhum dos que estavam à sua volta percebia que ela estava imitando a voz da esposa de cada um dos generais gregos que se escondiam no bojo do cavalo. Dessa forma ela fazia-se presente entre os seus.

No meio das chamas da cidade já tomada pelos gregos, Menelau encontra Helena. Seu pedido de perdão foi conduzi-lo aos aposentos, onde Deífobo “invadido por um doce e profundo descanso semelhante à morte” dormia. Sobre ele desarmado Menelau descarregou toda sua fúria acumulada em dez anos de guerra e de ausência de Helena.

Menelau compreendeu o sofrimento de Helena e os destinos que Vênus a ela impusera. Concedeu-lhe perdão e conduziu-a de volta a seu palácio.

As divindades contrárias ao reino de Príamo favoreceram aos gregos pela astúcia de Sinão.

Ele era filho de Sísifo<sup>9</sup> e herdara do pai toda a arte de tecer enganoso.

Uma grande multidão de troianos indecisos acercava-se do presente deixado pelos gregos. Nesse momento um soldado, Sinão, é trazido prisioneiro à presença do rei. Interrogado, responde a todas as perguntas de modo a satisfazer, por sua fala insidiosa, a curiosidade dos troianos.

Declara, primeiramente, que nada mais lhe resta senão morrer, pois fugira dos gregos e caíra prisioneiro dos troianos. Fugira durante a noite em que ia ser imolado aos deuses dos gregos.<sup>10</sup> Sua inimizade por Ulisses levava-o à condição de vítima.<sup>11</sup> Agora pesavam sobre sua cabeça a ira dos deuses e a fúria do exército de Ulisses. Afirmava que sua morte seria do agrado dos deuses, dos gregos e dos troianos.

Comovidos até às lágrimas os troianos concedem-lhe vida e misericórdia. Príamo ordena que sejam desatadas as mãos do prisioneiro e, confiante em suas palavras, interroga-o sobre o cavalo de madeira.

---

9. Sísifo era um rei velhaco e manhoso, que por sua astúcia enganara até mesmo os deuses. Segundo algumas lendas, ele é o verdadeiro pai de Ulisses.

10. "Com o sangue de uma virgem sacrificada, ó gregos, aplacastes os ventos quando chegastes às praias troianas; tereis de conseguir o vosso regresso, imolando uma vida argiva (*En.* II, 116-119). O próprio Sinão deveria ser imolado por Ifigênia, a filha de Agamemnon, e pelo regresso de seus companheiros.

11. Sinão inventara uma longa história para provar que era inimigo de Ulisses. Para vingar-se dele, Ulisses escolhera-o para ser imolado aos deuses.

Sua fala torna-se mais convincente ao passo que mais traiçoeira. Cada palavra deveria ser bem meditada para que aliviasse o peso do terror que assombrava as mentes troianas diante do gigantesco simulacro. Explica-lhes que fora construído para reparar uma ofensa aos deuses.<sup>12</sup> Era um presente a Palas, não aos troianos. Dizia que a estátua possuía grandes poderes e se os troianos a conduzissem para dentro da cidade, toda a Ásia se arremessaria em guerra contra a Grécia.

Os troianos, certos da vitória e incitados pela fala de Sinão, introduzem na fortaleza o cavalo de madeira. Fendem suas muralhas porque as portas estreitas impediam que por elas passasse o artifício grego.<sup>13</sup>

À noite, quando entorpecidos pelo vinho dos festejos e quebrados pelos anos de batalhas dormiam os troianos, Sinão abre as entranhas do cavalo e deixa sair delas os chefes gregos que conduziriam a Tróia o saque e a destruição.

Quando observamos mais atentamente as atitudes de Helena e Sinão vemos que há entre os motivos que os levaram a trair uma diferença profunda: de um lado está Helena expiando

---

12. A ofensa tinha sido cometida contra Minerva. A deusa estava irada porque os gregos tinham roubado a sua estátua, o Paládio, que os troianos conservavam em suas fortalezas.

13. Haviam-no planejado para que realmente não o pudessem conduzir pelas portas da cidade. Segundo narram os poetas, ele era mais alto que as muralhas e em seu bojo escondiam-se mais de cem soldados.

uma culpa trágica; Sinão, por sua vez, é peça fundamental de uma trama urdida pelos chefes gregos.

Helena já nascera com esse triste fado: chorar até consumarem-se os seus dias por ter sido causa de tamanhas desgraças. Como estivesse apaixonada não deu ouvidos à razão e abandonou seu país, esposo e filha sem prever as conseqüências. Afrodite só lhe restituiu a razão e abriu-lhe os olhos quando os exércitos se batiam às voltas das muralhas de Tróia. Reconhecera, então, que a vingança de Afrodite estava realizada: ela havia cedido aos caprichos de uma imortal a quem era submissa.

Cabia-lhe reparar o seu erro involuntário entregando aos seus a grandiosa Pérgamo. Dar-lhes a vitória era recompensá-los por tanto sofrimento conseqüente de sua cegueira. Os dias de Helena serão sempre tristes por lamentar a cada momento os perigos e os sacrifícios sofridos pelos gregos. Nem mesmo a completa ruína de Tróia pôde arrancar-lhe o remorso.

Com os mesmos olhos não vemos Sinão. Ele encarregara-se da difícil tarefa de cegar os entendimentos dos troianos. Era um simples soldado e, como soldado, estava arriscando a sua vida, submetido aos chefes e guiado pelas capacidades próprias. Agia de conformidade com os deuses, que também haviam determinado a queda de Tróia, mas seus atos não decorriam da imposição direta desses deuses. Ele era o humano que faria se realizarem as predesti-

nações, portanto uma solução humana para uma pré-determinação dos deuses.

Diferente de Helena, seus atos resultavam da sua vontade ou da vontade dos seus comandantes. Os deuses não lhe haviam imposto um destino funesto. Ao contrário, foi motivo de glórias para a sua pátria. Ele não praticou pela traição um ato de vileza, mas soube usar de uma habilidade humana, que, no momento, foi bem vista pelos gregos. Importava destruir o inimigo e venceria o mais habilidoso.

Os deuses já haviam estabelecido que Tróia fosse completamente arrasada, não importando que artifícios fossem utilizados para isso, pois um novo e grandioso império deveria nascer. Enéias, o filho de Vênus, conduz os Penates e os sobreviventes de Tróia para a Itália. Aí vão forjar uma nova raça forte e audaciosa, que, tempos depois, fará da Grécia uma a mais de suas conquistas.

#### BIBLIOGRAFIA

- BAYET, Jean. *Literatura Latina*. Traducción del Francés y del Latín por Andrés Espinosa Alarcón. Barcelona, Ediciones Ariel, S.A., 1966.
- BIGNONE, Ettore. *Historia de la Litteratura Latina*. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 1952.
- CROISSET, Alfred et CROISSET, Maurice. *Histoire de la Litterature Grèque*. Paris, Ernest Thorin Editeur, 1890.
- HOMÈRE. *Iliade*. Texte établi et traduit par Paul Mazon. Paris, Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1955.
- L'ÈVEQUE, Pierre. *La Aventura Griega*. Traducción por Pedro Mulet. Barcelona, Editorial Labor S.A., 1968.

*Mitologia Clássica*. Publicada bajo la dirección de Juan Richepin.  
México, Union Tipográfica Editorial Hispano Americana.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*.  
São Paulo, Editora Cultrix, 1968.

VIRGILE. *Enéide*. Texte établi par Henri Golzer et traduit par  
André Bellessort. Neuvième édition. Paris, Société d'Édition  
"Les Belles Lettres", 1959.